

## **AÇÕES CULTURAIS E O FORTALECIMENTO DE MEMÓRIAS E DE IDENTIDADES EM MORRO REDONDO.**

ANDRÉA CUNHA MESSIAS<sup>1</sup>; CARLISTON LIMA RIBEIRO<sup>2</sup> THIAGO BARWALDT  
CARDOZO<sup>3</sup>;  
DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>4</sup> - Orientador

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – andrescmessias@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – 2 – estrellavideofilmagens@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – 3 – tbc.faculdade@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – 4 – dlrmuseologo@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

É de fácil percepção que as ações culturais estão se voltando, cada vez mais, à lógica do mercado, nomeadamente o que concerne à cultura da espetacularização e do entretenimento, conforme elucida Debord (1997). Um reflexo dessa visão no universo museológico seria a promoção de atividades que levam à rendição desses espaços à captação de públicos, como forma de sobrevivência. Essa caminhada rumo à fetichização é exposta por Fabrini quando elucida que:

Para alguns críticos da cultura, os novos museus têm se aproximado progressivamente, nas últimas três décadas, do mundo dos espetáculos, das feiras de mercadorias, dos shoppings centers, de parques temáticos, enfim, das ditas diversões de massa. Suas mega-exposições, como as Bienais de Arte espalhadas pelo mundo, são gerenciadas e anunciadas como grande espetáculo do mundo mass-midiático (FABRINI, 2015, p. 245).

Sobre essa tendência contemporânea, Andreas Huyssen (2002) alerta que a cultura do espetáculo e do entretenimento de massas gera consequências iminentemente negativas, na medida em que transforma os públicos em meros espectadores de macro-exposições, em detrimento de uma “apropriação séria e meticulosa do saber cultural” (HUYSEN, 2002, p. 43). Sobre essa temática, Regina Abreu, profetiza que:

Os museus-espetáculos são feitos para sociedades de consumidores, não são feitos para durar na longa duração, pois as subjetividades são fundamentalmente mutantes, não acumulam saberes, experiências, tradições. Pelo contrário, circulam de um espaço a outro como superfícies lisas que são preenchidas e esvaziadas pelo entretenimento. (ABREU, 2012, p.12)

Regina Abreu caracteriza os museus-espetáculos como:

Espaços enormes, edificações assinadas por renomados arquitetos contemporâneos, de altíssima tecnologia com realidade aumentada, HQ codes, vídeos em 3 D, holografias, experiências midiáticas inovadoras conjugadas com propostas arrojadas de exposição e de comunicação, polpudos patrocínios, sistemas de gestão criativos e uma boa dose de empreendedorismo. Muitos destes museus são hoje efetivamente mais modernos que grande parte de empresas de ponta em diversos setores. Não há limite de criação para esses templos da cultura e do entretenimento (ABREU, 2012, p. 14).

Partindo de um contrapondo à lógica mercadológica que tem chegado ao mundo dos museus, procura-se, através desse trabalho, relatar as ações educativas já desenvolvidas e em desenvolvimento durante o corrente ano, no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), situado na Serra dos Tapes – RS. Os resultados das ações doravantes descritas serão comunicadas em uma Mostra Cultural que acontecerá no Ginásio de Esportes da Cidade, no dia 01 de dezembro de 2018.

Ao considerarmos os museus como espaços de educação não-formal, entendemos a relevância de planejarmos ações com o objetivo de potencializar a construção de diálogos horizontalizados entre os públicos e os museus (CURY, 2005); de favorecer o protagonismo dos atores sociais locais e potencializar a transformação das informações em conhecimentos úteis (DE VARINE, 2012). Outrossim, intenta-se demonstrar através desse trabalho a forma pela qual o MHMR desenvolve ações educativas juntamente com as comunidades, educadores, escolares e moradores idosos do município com vistas à fortalecer as memórias e identidades. Concordamos que a educação em museus deve ser voltada para formação do indivíduo enquanto um ser social, que pode ser potencializada quando

[A] ação educativa nos museus é pensada e realizada para cooperar com o seu desenvolvimento, contribuir para o seu aprimoramento e facilitar o seu reconhecimento enquanto sujeito social, pois é através de uma ação educativa que o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano (FIGURELLI, 2011, p. 116).

Ao incentivarmos o contato dos moradores idosos com os públicos das ações educativas realizadas com o apoio do MHMR, pretendemos colaborar para a troca de experiências e de saberes em relação aos patrimônios locais e de contribuirmos para que os museus sejam entendidos enquanto espaços de descobertas, encantamentos, confrontos e diálogos. Partindo desses pressupostos teóricos, as ações são desenvolvidas tanto no interior do MHMR quanto nos cenários e estabelecimentos educacionais urbanos e rurais do município.

## 2. METODOLOGIA

Em uma etapa inicial e, em resposta a uma solicitação dos educadores da Cidade, vinculados à SMED e ao Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim, a equipe do Projeto de Extensão “Museu Morro Redondense: Espaço de Memórias e Identidades” viabilizou o desenvolvimento de oficinas sobre “Memórias e Identidades Sociais”, tendo como facilitadores docentes do Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas.

Após esse momento de construção coletiva, a equipe do MHMR, os educadores das redes públicas e os moradores idosos desenvolveram atividades de sensibilização dos educandos e visitantes tanto no ambiente escolar quanto no museológico. Nessas ações, os participantes foram estimulados a pensar a respeito do conceito de patrimônio enquanto categoria de pensamento (GONÇALVES, 2009) e a importância da sua preservação para o fortalecimento da memórias e identidades sociais locais.

Após a sensibilização, foram realizadas caminhadas pelo espaço urbano e/ou rural para a identificação dos patrimônios apropriados pelos moradores idosos, ao mesmo tempo em que aconteceram trocas de experiências entre os participantes. A partir desse ponto, a pesquisa com os alunos passou a ser desenvolvida pelos educadores, de forma transversal, no ambiente escolar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De volta à sala de aula, os docentes trabalham as temáticas desenvolvidas nas oficinas. Incentivam a pesquisa sobre a história da Cidade; o processo de construção dos espaços públicos (incluindo os espaços escolares e suas memórias) e; no tocante à imaterialidade, buscam despertar olhares para os saberes e fazeres do doce colonial (Figura 1). Em todas as etapas de construção de conhecimento pelos alunos, o diálogo intergeracional é incentivado, assim como a participação dos familiares.



Figura 1: O Tacho Como Gatilho de Memória e Imaginação.

Fonte: MESSIAS, 2018.

As ações culminam em um “Café Com Memórias” – momento no qual os moradores idosos, colocam parte do acervo do MHMR em diálogo com os participantes. Nesse momento, o MHMR busca estimular “um tipo de imersão das pessoas em sua própria cultura, e um contato íntimo com a própria memória” (BRULON, 2016, p.294), no qual as lembranças apoiadas pela memória coletiva (HALBWACHS, 1950) são adaptadas às novas circunstâncias. Dessa forma, o acervo, entendido como um lugar de memória (NORA, 1993), passa a exercer o papel sociotransmissor e construtor de metamemórias (CANDAU, 2009).

Vale ressaltar que todas as narrativas memoriais obtidas no decorrer das ações são registradas e nutrem a documentação museológica do MHMR, concebida pela Instituição enquanto um processo contínuo e dinâmico, no qual o relato sobre os valores simbólicos dos objetos faz dos atores sociais locais os maiores protagonistas do processo. A partir dessa escolha, pretende-se contribuir

para que o museu passe a ser entendido “como um signo, capaz de revelar constelações de significados extremamente relevantes para a compreensão da vida social” (ABREU, 2012, p.13).

Os primeiros resultados observados em campo levam-nos a compreender, de maneira contrária ao que acontece com as grandes metrópoles, que no contexto local é possível perceber “A cidade como lugar de encontro, fórum para a vida pública (...) [e a] noção de experiência enquanto vivência compartilhada por um grupo com vínculos sólidos, intergeracionais e com conexões cosmológicas” (ibidem, p.16).

#### 4. CONCLUSÕES

Em contraponto à lógica da espetacularização dos museus, percebemos ser possível o MHMR realizar trabalhos em conjunto com as comunidades morrorredondenses de forma a fortalecer os vínculos, as memórias e as identidades. Como espaço de educação não-formal o Museu pode contribuir também para o despertar da importância da preservação dos patrimônios e problematizar sobre a contribuição das culturas locais para a formação da sociedade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, R. (2012). **Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum. Sendas da Museologia**. Ouro Preto, UFOP.
- BRULON, B. C. S. **Máscaras Guardadas: Musealização e Descolonização**. 2012. 448f. Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.
- CURY, M. X. **Comunicação Museológica: Uma Perspectiva Teórica e Metodológica de Recepção**. 2005. 367f. Tese apresentada à Área de Concentração: Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- DEBORD, G. (1997). **A sociedade do espetáculo**, trad. Estela do Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DE VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- FABBRINI, R. N. (2015). A fruição nos novos museus. **Especiaria: Cadernos de ciências humanas**, 11(19), 245-270.
- FIGURELLI, G. R. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Museologia e Patrimônio**: 2011.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, pp.25-33, 2009.
- HUYSEN, A. **En busca del futuro perdido**. Cultura y memoria en tiempos de globalización. México, FCE, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- NORA, P. **Entre memória e história**. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, 1993.